

UNISINOS - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

JONATHAN MACIEL BRUTSCHIN FERNANDES

AS SOCIABILIDADES DO BAIRRO MENINO DEUS DIANTE DAS
TRANSFORMAÇÕES URBANAS DA CIDADE DE PORTO ALEGRE

SÃO LEOPOLDO, RS
2017

JONATHAN MACIEL BRUTSCHIN FERNANDES

AS SOCIABILIDADES DO BAIRRO MENINO DEUS
DIANTE DAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS DA
CIDADE DE PORTO ALEGRE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade do Vale do
Rio dos Sinos, como parte das exigências
para a obtenção do título de Especialista
em História do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dra. Máira Inês
Vendrame

Co-orientador: Prof. Dr. Alexandre
Karsburg

SÃO LEOPOLDO
2017

RESUMO:

Nosso trabalho tem como objetivo compreender as formas de sociabilidades presentes no bairro Menino Deus em meados do século XX, visto que foi um período de grandes modificações urbanas nas principais capitais do Brasil, entre elas na cidade de Porto Alegre. Acreditamos que essas alterações fizeram com que diversos aspectos do cotidiano de seus habitantes fossem alterados, aí incluindo as sociabilidades da população residente e frequentadora do referido bairro. Também procuramos identificar as relações entre os moradores do bairro e o seu templo católico, que desde o início da ocupação de seu entorno no século XIX já era destaque nas crônicas de escritores do período.

Palavras-chave: Menino Deus - urbanização - sociabilidades.

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho objetiva compreender as formas de sociabilidades presentes no bairro Menino Deus em meados do século XX, visto que foi um período de grandes modificações dos equipamentos urbanos nas principais capitais do Brasil, entre elas na cidade de Porto Alegre. Formulamos então o seguinte problema: De que forma as transformações urbanas ocorridas na cidade de Porto Alegre e no bairro Menino Deus nos anos 1950 alteraram as formas de sociabilidades de seus habitantes?

Acreditamos que essas alterações fizeram com que diversos aspectos do cotidiano de seus habitantes fossem alterados, aí incluindo as sociabilidades da população residente e frequentadora do referido bairro. Contudo, não podemos esquecer o contexto da época, que também pode alterar o cotidiano das pessoas.

Como nossa pesquisa está inserida no campo historiográfico das cidades, devemos dizer que são várias as formas de se estudar a cidade, uma vez que, a História Urbana ou História da Cidade pode ser trabalhada em diversas áreas, como na Antropologia, Geografia, Arquitetura, na própria História etc. (MONTEIRO, 2012) Sendo assim, foi necessário utilizarmos-nos de trabalhos de variadas áreas, apropriando-nos, quando conveniente, de seus termos e conceitos.

Assim, lembramos novamente o já referido historiador (2012) ao propor algumas reflexões pertinente: o que diferencia a História Urbana ou a História da cidade de outros campos da História? Esta separação diria respeito a um objeto próprio, a uma problemática de pesquisa, a uma metodologia de trabalho ou a uma teoria particular no campo historiográfico?

Contudo, este trabalho não tem a intenção de responder a todos estes questionamentos, que requerem estudos mais aprofundados de teorias e métodos, não sendo possível realizá-los neste momento. Citamos tais questões para que o leitor tenha melhor ideia dos problemas e dilemas enfrentados por quem tenta trabalhar em torno da História da cidade. Assim, indo para a metodologia, achamos importante manter diálogos com antigos moradores do bairro, pois esses acompanharam não apenas como testemunhas, mas também como partícipes as mudanças ocorridas no bairro. Dessa maneira, acreditamos que possamos inserir nossa pesquisa na novíssima vertente de trabalhos que abordam espaço e memória,

os lugares de memória no espaço urbano, bem como aqueles que discutem a questão do patrimônio urbano como formas de compreender a cidade como um local de aprendizagem da História e da trajetória de uma sociedade no tempo, mesmo que nosso enfoque seja um recorte espacial dentro de uma cidade específica.

Temos como algo produtivo, mas controverso, o campo historiográfico relativo ao imaginário urbano (talvez se encaixe na própria questão da memória), pois faz com que o historiador tente criar um quadro mental própria dos fatos. Isso acaba sendo um desafio de imaginação e criatividade. Contudo, ao aceitar este desafio, o historiador deve fazer escolhas, privilegiar alguns tipos sociais em detrimento de outros, trabalhar com certos espaços e deixar outros de lado. Tem de escolher seu referencial teórico, deixando tantos outros de fora e, em alguns casos, pode até ser acusado de preconceituoso. Devemos salientar também, que ao adentrarmos na história cultural estamos trabalhando com as ideias que as pessoas podem ter a respeito de fatos, ou seja, com o conceito de representação. Não podemos querer achar o real, o verdadeiro, mas com o que as pessoas acham que o são. Isso dependerá das vivências de cada um, de suas origens, formação e de seus conceitos. O que um jovem da periferia, por exemplo, pensa de determinada circunstância provavelmente será bem diferente do que pensa um idoso de classe social mais abastada. Aí, poderemos nos deparar com questões referentes aos conceitos e preconceitos, fazendo com que entremos na chamada História Cultural que já foi tema de livro do grande historiador inglês Peter Burke: “O que é História Cultural?” (2004). Nesse seu trabalho, ele aborda diversos aspectos teóricos e práticos acerca do campo, elencando as diversas interpretações e tendências historiográficas ao longo dos tempos. No entanto, até mesmo o termo cultura é difícil de definir. Segundo Burke, “Diversas pessoas atualmente falam de ‘cultura’ a respeito de situações cotidianas que há 20 anos ou 30 anos teriam merecido o substantivo ‘sociedade’”.

Conforme já dissemos em trabalho anterior, “muitos historiadores utilizaram e utilizam-se de escritores e cronistas de época para elaborarem seus quadros mentais, ou até mesmo de fotografias, pinturas e, porque não, de sons.” (2015)

Em nossa pesquisa tentamos privilegiar as memórias individuais dos antigos moradores do bairro Menino Deus, recorrendo à História Oral e a seus métodos próprios. Não quer dizer, entretanto, que imagens não foram importantes no

transcorrer deste trabalho, principalmente no que diz respeito às transformações urbanas do bairro e da cidade. Também fizemos a leitura obras de cronistas e intelectuais cujas obras são obrigatórias para quem deseja pesquisar sobre a história dos bairros de Porto Alegre.

A escolha do estudo do bairro Menino Deus se fez pelo fato de sua História ser fundamental para entendermos os processos de transformações pelos quais passou a cidade de Porto Alegre, já que esse é o bairro planejado mais antigo da cidade e também muito próximo ao centro urbano. Outra razão é a questão da origem dos seus primeiros povoadores, originários da Ilha dos Açores, o que faz com que tenha estreita ligação com os primeiros habitantes da cidade, provenientes da mesma localidade.

Escolhemos como delimitação temporal a década de 1940 até o final do século XX, visto que, segundo já citado, nos anos quarenta é que começa o período chamado por alguns de “metropolização” (MÜLLER e SOUZA, 1997) e que o bairro Menino Deus começa ter mais o aspecto que tem hoje, até em razão de obras de acesso a este, implementadas desde a década de 1930. Outro motivo que nos levou a escolhermos este recorte, é que podemos encontrar indivíduos que se transferem para o bairro naquele momento e continuam residindo até hoje em suas cercanias. Isto faz com que sejam testemunhas da história do bairro e, por que não, da própria cidade. Podemos assim, trabalhar com questões envolvendo a memória, individual e coletiva, e as diversas formas de pensar o Menino Deus.

Para nossa pesquisa, elaboramos uma série de questões que nos guiaram em nosso intento, sendo as principais: Quando e por que o bairro Menino Deus começou a ser escolhido como local de moradia de famílias de classes mais abastadas? Como eram as sociabilidades dos moradores no século passado? Criaram clubes, associações, equipes esportivas? Quais as principais diversões das crianças, jovens e adultos? Como era o sistema de transporte? Qual a influência que tinha a religião e a igreja do Menino Deus no bairro e qual a sua importância? Que efeitos foram causados pela demolição da igreja em 1969? Como os moradores veem o bairro hoje? O que mudou?

Acreditamos que, ao respondermos tais questões, estamos fornecendo uma contribuição para a memória do bairro e da cidade, completando lacunas deixadas pela historiografia até então e que nos ajudarão a responder nosso problema de

pesquisa.

O Menino Deus, um local tão distante da cidade

Ao iniciarmos nossa pesquisa, tivemos que nos apropriar da literatura que já havia sido produzida acerca do bairro Menino Deus, desse modo, nomes de grandes cronistas do passado surgiram: Ary da Veiga Sanhudo, Francisco Riopardense de Macedo e Walter Spalding. Muitos aspectos das sociabilidades antigas do bairro nos foram revelados, mesmo que as obras consultadas não fossem textos acadêmicos, mas impressões dos referidos autores. Contudo, mesmo que essas literaturas nos deem noções gerais da ocupação e urbanização desta capital e de certas práticas sociais, faltam estudos mais atualizados, que tenham acesso a documentações e registros recentes. Além do mais, não encontramos quantidade considerável de obras que tratem especificamente dos bairros da cidade, principalmente do tema de nossa pesquisa, o bairro Menino Deus. Hoje há novas tecnologias que favorecem as novas gerações de historiadores, como é o caso da oralidade, que passou a ser utilizada como fonte histórica por essas.

Em relação à literatura, podemos começar citando Ary da Veiga Sanhudo (1915-1997), advogado, vereador que apresentou à Câmara Municipal o primeiro projeto de lei que regulamentou os limites e os nomes do bairro de Porto Alegre e escritor, colaborando com o jornal Folha da Tarde e tendo organizado o livro “Porto Alegre, Crônicas de Minha Cidade”, dividido em dois volumes, com suas crônicas para o jornal. Nessa obra, é contada primeiramente a história dos primórdios de Porto Alegre, depois se dividindo em capítulos que o autor procura organizar por bairros. Em *O Menino Deus tradicional*, são narrados acontecimentos importantíssimos não só para a história do bairro como também para cidade. Ele inicia fazendo um panorama da região em 1842, ano em que chega o Barão de Caxias, recém-empossado governador da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul, “quando toda essa região do atual bairro do Menino Deus não passava dum cerrado e escabroso mato, gravemente desabitado, dos arredores da nossa capital” (1969). Sanhudo salienta a escassez de caminhos que levavam ao arrabalde.

Havia um, lá pela borda da praia – o Caminho de Belas. O outro, partia das imediações da olaria do Tristão, defronte a uns pontilhões que mais tarde

vieram a ser os fundamentos da ponte do Menino Deus, e dirigia-se como um autêntico caminho da roça, em sentido sul, até encontrar o sopé de um cerro, que então começava a ser chamado por Morro do Cristal. Era o futuro Morro do Menino Deus. Nessa época, a estrada improvisada e muito raramente procurada e que hoje é a monumental avenida Getúlio Vargas tinha aspecto tão primitivo e desolador, que dificilmente se pode fazer uma ideia! (p. 213)

Nesta época, a estrada não possuía nem nome. Foi o então barão de Caxias quem tratou da abertura e pavimentação desta rua que estava pronta ou quase pronta quando ocorreu a visita das majestades imperiais a esta capital em fins de 1845.

E a nova estrada, como era um dos caminhos que levava o porto-alegrense ao Asilo Santa Teresa, lá na margem do Guaíba, criado pelo Imperador D. Pedro II, na oportunidade da sua estada aqui, tomou o nome de Santa Teresa. Era mais uma homenagem a sua real consorte, a jovem Imperatriz Dona Teresa Cristina Maria. (ibidem p. 213)

Então, o novo acesso batizado de Santa Teresa, passou a ser procurado e desde logo apareceram as primeiras casas, possivelmente por ser plano e reto, como diz o autor. Logo depois, outro acesso foi aberto, ligando o que hoje é a avenida Azenha, passando pela rua Santa Teresa, até a beira do Guaíba, dando uma forma de “T” para os caminhos que se ligavam. Esse caminho recebeu o nome de Caxias, homenagem ao presidente da província.

O lugarzinho prosperava a olhos vistos e pouco depois do ano que marcou o meio século parecia uma pequena vila, lá muito afastada no tapete verde da região sul da capital. É assim que, aos domingos, principalmente nos dias quentes, pesados carros ou gente a cavalo perdiam-se em agradáveis passeios ao longo do largo caminho que os conduzia às fraldas do morro, já popularmente invocado como Santa Teresa.

O sítio era aprazível e muita gente se interessou então em adquirir um pedaço de terreno naquele recanto tipicamente rural, para construir sua quinta de descanso ou casa de veraneio, pois ficava tão longe da cidade... todos diziam! (p. 114)

Assim começava, vagarosamente, o surgimento do bairro Menino Deus, dando início às primeiras sociabilidades de que temos registros em seu interior.

Em janeiro de 1850 é colocada a pedra fundamental de uma capela e, em 1853, o bispo Dom Feliciano Prates, impressionado com o progresso local, ordena que apressem a construção do templo. Ao lado da capela é construída uma casinha que se torna famosa na cidade pelo seu presépio (SANHUDO). Assim, inicia-se a história da Igreja do Menino Deus, templo intimamente ligado com a própria história

do bairro. A partir daí, nas noites de véspera de natal, uma multidão afluía em peregrinações até a Igreja, tornando-se um evento tradicional do bairro.

O autor também destaca a primeira aparição em 1964, do meio de transporte que se tornou famoso, da chamada maxambomba, uma espécie de vagão puxado por burros. Por esses anos, não se sabe ao certo, o caminho de Santa Teresa troca de nome, sendo batizada de rua do Menino Deus. O arraial só receberia seu atual nome lá pela década de 1880.

Questão importante que o autor coloca é em relação a precedência de origem dos bairros de Porto Alegre. Enquanto ele acreditava ser o bairro da Azenha o mais antigo, outros, como o Coronel Mazon, pensavam ser o próprio Menino Deus. Outra questão relevante para o nosso trabalho e que merece o devido destaque é a colocação de Sanhudo afirmando ser o bairro um dos mais tradicionais e socialmente agitados da cidade.

Outro autor fundamental para nossa pesquisa é Francisco Riopardense de Macedo que, além de ter sido engenheiro e urbanista, possuía vasto conhecimento histórico sobre a cidade de Porto Alegre, acostumando-se ao estudo de documentos históricos, fato que fez com que entrasse na polêmica sobre qual seria a real data de fundação da cidade, podendo, inclusive, ser considerado o mentor desta alteração. Francisco Riopardense de Macedo foi diretor do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, professor da UFRGS e autor de outras obras sobre Porto Alegre e o Rio Grande do Sul, além, é claro, de pertencer a entidades de engenharia e arquitetura. Em seu livro Porto Alegre: origem e crescimento, trabalha muito com conceitos de geografia, dando grande valor a ocupação do solo e a expansão da cidade e a forma como isso foi acontecendo, focando na relação entre homem-natureza. Isto contribui para nossa pesquisa, contudo, falta um aprofundamento, principalmente, no que diz respeito à formação dos bairros. Segundo o autor: “Na formação ou na implantação de uma cidade, surge, imperiosa, a relação entre o meio físico e o tipo de aglomeração que nele se instala: entre a geografia e o estágio de desenvolvimento da sociedade que vai usá-la como sítio e ambiente”, advindo daí a necessidades de códigos e planos que regulem a relação entre o homem e a natureza limitando o poder daquele sobre essa (p.25).

Francisco Riopardense observa que é no século XIX que os arraiais de Porto

Alegre passam a receber nomes, dando maior importância a fixação estrutural de quatro: Menino Deus, São Miguel, São Manuel e Navegantes. Segundo o autor:

Menino Deus era linha paralela à praia sul até que o relevo impediu sua continuação – Igreja do Menino Deus - ; São Miguel foi, ao lado da estrada velha para Viamão, ladeando o arroio dilúvio; São Manuel situou-se na proximidade da Estrada de Baixo que ligava a cidade de Viamão a Gravataí – Aldeia dos Anjos – e Navegantes, na malha viária que precedeu a viagem a São Leopoldo, pelo rio dos sinos, se ligava, também à estrada de Baixo – atual Cristóvão Colombo, trecho da Floresta – em direção a Gravataí, Santo Antônio, Osório e Vacaria (p. 115).

Ainda faz referência ao surgimento do hipódromo do Menino Deus, chamado de Riograndense, cuja planta data de 1888, o que nos faz crer que funcionasse como polo de atração dos cidadãos porto-alegrenses ao bairro.

Outra observação relevante é a comparação que fez entre as partes Norte e Sul da cidade:

O surgimento em épocas diferentes destes centros de recreação leva o estudioso a concluir que, embora a vertente norte do espigão principal fosse urbanizada muito mais rapidamente do que a sul, foi na várzea sul daquele espigão, onde a velocidade de crescimento fez surgir os primeiros arraiais, dando-lhes as condições demográficas que vitalizaram mais cedo a vida comunitária. (1968, p. 119)

Observamos, então, que na parte Sul de Porto Alegre é onde surgem os primeiros arraiais, cujas características propiciaram o surgimento mais precoce de vida comunitária. Sendo assim, com a crescente vitalidade destes arraiais e sua importância para o centro urbano, passa a haver a necessidade de implementação de transporte para a população, ocorrendo na segunda metade do século XIX as primeiras iniciativas para a instalação de linhas de transporte coletivo. Em 3 de março de 1863, o brasileiro Estácio da Cunha Bitencourt e o engenheiro francês Emílio Gemgembre encaminham à Câmara Municipal de Porto Alegre a petição necessária para um trilho de ferro para carros que diariamente transitem da várzea, junto da grade da Praça da Independência até a Praça do Menino Deus pela rua de mesmo nome.

Segundo Francisco Riopardense de Macedo, somente em 1870 teria sido inaugurada a linha conhecida como machambomba ou maxambomba, que desde o dia da sua inauguração foi um completo fracasso: ora arrastada, ora descarrilada, tendo durado apenas três anos, quando foi substituída pelos bondes puxados a

burros. Infelizmente, não temos maiores informações acerca da machambomba, mas era um meio de transporte parecido com os bondes.

Já esse novo sistema de transporte coletivo, foi proposto por Manuel De Miranda e Castro, sendo o contrato firmado em 27 de fevereiro de 1872. Além de servir ao arraial do Menino Deus, zona de chácaras e vilas luxuosas, serviria, também, para ligar o centro da cidade ao Partenon, uma vez que, a densidade da população dali tornava o serviço indispensável.

Além do livro Porto Alegre: origem e crescimento (MACEDO, 1968), podemos citar mais duas obras de considerável importância para a presente pesquisa, publicadas, também, por Francisco Riopardense de Macedo, Porto Alegre: aspectos culturais (1973) e Porto Alegre: história e vida da cidade (1992). Em ambas, questões culturais e de infraestrutura são trabalhadas, dando destaque para alguns bairros, como o Menino Deus, presente em todas. Percebemos que, o autor tem um interesse maior neste bairro, talvez por ter sido um dos bairros mais antigos da capital e palco de eventos tradicionais, como as celebrações natalinas e de Nossa Senhora dos Navegantes que tinham como palco a igreja do Menino Deus.

Interessantes nas suas obras são as narrativas de alguns acontecimentos que marcaram a vida no bairro, que da forma que foram transmitidas, nos transportam, de certo modo, ao passado.

Em Porto Alegre: aspectos culturais, aborda também questões da historiografia sobre cidade, também trazendo algumas questões interessantes sobre esse campo. Até o ano em que sua obra foi publicada, não se esclarecia exatamente qual a especificidade do campo da história urbana. Frequentemente essa era confundida com história política e até com história da sociedade ou dos expoentes que comandam as relações comunitárias. O que se tinha eram monografias municipais, produções literárias que se referem às datas mais importantes do município, alinhando biografias dos prefeitos, atribuindo a esses a iniciativa desta ou daquela obra. Como ainda temos hoje, tais monografias publicavam matérias sobre os monumentos da cidade, fotografias das maiores casas comerciais da cidade e de seus proprietários. Aí devemos salientar que concordamos com Francisco Riopardense de Macedo quando ele diz que verifica-se uma inversão do processo.

As obras para a construção e montagem do equipamento urbano são feitas, geralmente, depois que as necessidades da população chegaram a uma

crise não mais sustentável. É o trabalho de todo o povo, desenvolvendo a produção e o consumo e promovendo o aumento da comunidade e a densificação urbana, que vai criar a necessidade do equipamento, tais como calçamento, água, esgoto, comunicações, transporte e recreação. É este o processo que vai configurar a cidade física e socialmente, é que vai lhe conferir um caráter específico, capaz de exibir diferenças. (1982, p. 11)

As obras urbanas, na maioria das vezes, são realizadas como exigência da população local, e não como um “presente” do administrador, no caso de Porto Alegre, prefeitos e interventores.

Devemos contextualizar o pensamento do referido autor, pois a chamada História da terceira geração dos Annales ou Nova História começa a aparecer na França na década de 1970. Essa historiografia dá uma maior importância aos indivíduos, entre eles, os dos estratos sociais mais baixos, ou os chamados excluídos, termo muito utilizado pelos historiadores marxistas.

Esse autor também é um dos que afirmam ser o Menino Deus o bairro mais antigo da cidade apenas por observar a evolução da rede viária urbana de Porto Alegre. Podemos ir ao encontro do que pensa Francisco Riopardense de Macedo, pois já no século XIX são abertos dois caminhos, o Santa Teresa e o de Caxias, ambos já mencionados acima.

Se podemos dar os créditos a algum grupo étnico pela criação do bairro Menino Deus, devemos dar aos açorianos, uma vez que, como os açorianos ainda não haviam recebido sesmarias em definitivo ao chegarem em Porto Alegre, tiveram que ocupar terras à beira rio durante o período de 1752 a 1772. Assim, como forte indício da ocupação da área que viria a ser, bem mais tarde, o bairro Menino Deus (sul da península até o pé do Morro Santa Teresa), temos a igreja cujo patrono é o Menino Deus, invocação genuinamente açoriana, como iremos ver no decorrer de nossa pesquisa.

Essa origem açoriana do bairro é mais um argumento de ordem geográfica e histórica que podemos utilizar para defender a tese de que o Menino Deus é o bairro mais antigo da cidade, mesmo que num primeiro momento ele fosse um arraial, somente ganhando o status de arrabalde por meados do século XIX, quando adquiriu certa independência do centro urbano da cidade.

Francisco Riopardense de Macedo cita como fonte importantíssima para sua pesquisa um documento cartográfico existente na seção de cartografia do Arquivo Nacional, sob o código 776.6-P: Comissão da Carta Itinerária do Império/Província

de São Pedro do Rio Grande do Sul/Carta Topográfica dos arrabaldes da Cidade de Porto Alegre. Atribui este documento à década de 70 do século XIX, quando o bairro Praia de Belas era chamado de Lago de Viamão e o Morro da Polícia era o Morro da nação. O único arrabalde com nome era o Menino Deus, tendo a várzea ao lado recebido o nome de Bom Fim, revelando a importância que a recém-construída capela do Bom Fim representava para aquele trecho da periferia da cidade.

O autor tem a certeza que para que possamos entender a vida da população porto-alegrense no século XIX, principalmente no tempo livre, não basta procurar referências na imprensa da época, mas também ter uma visão do modo como se distribuía a população em seu território.

Já relação às sociabilidades, tema central de nossa pesquisa, o autor contribui quando nos fala sobre as festas que eram organizadas no Menino Deus, as quais atraíam os moradores do centro urbano de Porto Alegre. No arrabalde também estavam localizadas ricas propriedades de lazer e uma pequena igreja onde aconteciam as festas.

O bairro Menino Deus, único considerado como tal ainda no ano de 1871 concentrava todas as atenções dos moradores do centro urbano. Lá ficavam as mais ricas propriedades para fim de semana e na sua pequena igreja aconteciam as maiores festas populares. Menino Deus é típica evocação açoriana, consagrada na época de D. Pedro II de Portugal (1648-1676) por ter esse reconhecido como milagrosa pequena imagem existente na Vila Nova da Praia, Ilha Terceira, daquele arquipélago. (MACEDO, 1968, p. 76)

Podemos observar a estreita ligação do bairro Menino Deus com os açorianos e sua vida religiosa trazida do arquipélago, sendo impossível falar sobre o bairro sem fazermos relação com sua igreja e vida religiosa, que estava, por sua vez, ligada às festividades. A importância de algumas festividades era tão grande que até uma maior organização e disponibilidade de transportes se faziam necessárias.

Na verdade, o arrabalde do Menino Deus, hoje importante bairro de Porto Alegre constituiu-se muito cedo e foi a grande atração das vizinhanças no século passado. A festa do seu orago ocorria no fim de dezembro (Natal) e se prolongava até o dia 6 de janeiro (Dia dos Reis), deslocando grande parte da população aquela distância considerável para a época. No período da efeméride havia transporte de hora em hora para a viagem de ida, desde às três horas da tarde, e para a de volta a partir das seis. (MACEDO, 1968, p. 77)

Algumas vezes, até o governador da Província tinha que intervir para que as

festividades no Menino Deus dessem certo, solicitando, inclusive, os devidos reparos na ponte de madeira que fazia o acesso ao arrabalde, para maior segurança do grande número de carros e veículos que transitariam nos dias de festa, conforme pedido do Dr. Joaquim Antão Fernandes à Câmara de Vereadores em 1860. Essa ponte ficava na rua do Menino Deus, atual avenida Getúlio Vargas.

Em 1878 a festa de Natal do Menino Deus era o grande acontecimento de Porto Alegre. De determinados pontos centrais seguiam veículos de tração animal e do cais do porto, de hora em hora, saíam barcos a vapor que deixavam os passageiros na Rua de Caxias (atual José de Alencar). Às nove da noite voltava o último barco, que deixava os passageiros no centro.

Interessante que, mesmo a distância por terra entre o centro e a capela do Menino Deus sendo menor do que por rio, optava-se muitas vezes pelos barcos, já que a distância tempo era quase a mesma com esse transporte uma vez que as estradas eram péssimas.

Em A Reforma de 25 de dezembro de 1878 o senhor João Diehl, diz que seu vapor fará viagem para o Menino Deus durante as festas daquele arraial a 800 réis a viagem redonda (ida e volta) e 400 réis a simples. Este anúncio era publicado diariamente e um semelhante era po pela Empresa Fluvial, e ambas assinalavam que para as sociedades musicais a viagem é grátis. (MACEDO, 1982, p. 77)

Aqui lembramos da importância para a vida cultural e social, não só em Porto Alegre, mas também em várias capitais do Império e depois da República das sociedades musicais. Seus músicos muitas vezes eram provenientes das bandas militares e emprestavam seus instrumentos para essas sociedades.

Outro escritor cuja obra é fundamental para entendermos a formação do Menino Deus é o cronista Achyles Porto Alegre, que viveu até 1926. Seus relatos tratam da virada do século XIX. Tivemos acesso a uma obra organizada em 1940 por Deusino Varela, na qual fez uma coletânea das crônicas de autoria de Achyles, intitulada de História Popular de Porto Alegre.

Esse autor também fala da maxambomba, o que nos faz crer que seu aparecimento realmente marcou as crônicas da época. Diz que:

Há mais de cinquenta anos, o velho Estácio Bittencourt obteve a concessão para estabelecer a linha de maxambomba da cidade ao Menino Deus. Os trilhos foram estendidos na Várzea, quase em frente ao beco do Oitavo, nas imediações do Ginásio Júlio de Castilhos, seguindo por aí afora e

entrando pela estrada do Laboratório, até próximo às escadas da capela. (ACHYLES, 1940, p. 13)

A várzea era o nome dado às cercanias do atual bairro Praia de Belas. O chamado beco do Oitavo era onde hoje é a rua André da Rocha, localizado no bairro Cidade Baixa e palco de inúmeros distúrbios cujos personagens eram muitas vezes provenientes do exército, da marinha ou de outras forças policiais. Já o Ginásio Júlio de Castilhos se encontra até hoje na movimentada avenida João Pessoa.

O concessionário não aproveitou a rua 13 de Maio, que era uma reca em terreno sem acidentes ao ponto terminal, por já ter sido concedida esse traçado à linha de bondes, que funciona entre nós. A maxambomba era quase um bonde, tendo no tejadilho um assento para os passageiros irem mais a vontade, como tinham os bondes imperiais, agora retirados das linhas da “Força e Luz”. (ACHYLES, 1940 p.13)

No quesito festas, duas eram especiais não só para os moradores do Menino Deus como também para os porto-alegrenses em geral. Eram as festas de Navegantes e de Natal, que também eram fatores de atração dos cidadãos porto-alegrenses ao arrabalde. O próprio nome do lugar já nos dá uma ideia da importância da vida religiosa para o povo da cidade.

A festa de Nossa Senhora dos Navegantes é uma das mais antigas e concorridas das festas populares da cidade, motivo que faz com que, até hoje, seja comemorada por uma multidão fazendo uma procissão. No início essa festa era comemorada no arraial do Menino Deus, lugar de comemoração também do Natal.

Ali, entretanto, a procissão por via fluvial era mais difícil, não só porque o ponto de embarque ficava mais distante, como também porque a praia não oferecia suficiente profundidade aos inúmeros barcos a vapor e a vela que formavam no préstito.

A nota interessante da festa, eram os silvos estridentes das sereias dos vapores, que às primeiras horas do dia 2 de fevereiro, dias da Purificação de Nossa Senhora, e que é o consagrado aos Navegantes, enchiam o espaço e corriam nas asas do vento, em todos os sons e tons.

A isto se juntava o espoucar dos foguetes, o estourar das bombas, o ribombar dos morteiros e o festivo bimbalar dos sinos (ACHYLES, 1940, p. 83).

Na véspera do Natal, já começava o movimento da cidade em direção ao Menino Deus, sítio pouquíssimo povoado.

Aquele sítio era, pode-se dizer, deserto, despovoado, com uma ou outra

casinha aqui e ali, como Belém Velho ou um trecho do Morro de Sant'Anna, lá para as bandas do Capão da Fumaça.

Pela costa do arroio, viam-se algumas barracas, alvejando por entre as árvores que ali se erguiam, e os velhos tapumes de maricá que cercavam o potreiro, que mais tarde foi aproveitado para prado de corridas. (p. 95) [...]

[...] Quando a noite cerrava, ouvia-se, ao longe, uma banda de música que vinha em marcha batida rumo da capela, e algum tempo depois irrompiam as vozes de uma outra música mais distante ainda- eram a "Firmeza e Esperança" e a "União Brasileira". [...]

[...] E notava-se já um movimento desusado na estrada que vinha dar à capela. [...]

[...] Na fralda do morro, via-se uma lagoa tranquila, em cujo seio nadavam serenamente marrequinhas de cabeça erguida, com os bicos amarelos estendidos para o ar.

Do teto estrelado do presépio, junto da constelação radiosa do Cruzeiro, descia por um fio de retroz preto a bela estrela, que aparecera para guiar os reis magos ao estábulo onde nascera Jesus, num recanto obscuro da Judeia. (p. 95, 96)

A obra mais recente produzida a trabalhar com o Menino Deus, foi a dissertação de mestrado em Geografia de Ana Regina de Moraes Soster (2001), "Porto Alegre: a cidade se reconfigura com as transformações dos bairros", na qual aborda também alguns aspectos históricos da cidade. O recorte temporal privilegiou o intervalo referente ao século XIX como um todo e o XX até as décadas de 60 e 70, embora a análise tenha iniciado com a formação da base física desse espaço quando ainda não era ocupado. O conhecimento destes aspectos naturais foi considerado na medida em que favoreceu inicialmente a ocupação de algumas áreas em detrimento de outras.

A autora parte do princípio orientador da Coroa Portuguesa em relação ao modo de agir frente às suas colônias quando da implantação de núcleos urbanos, sendo a base física da cidade de Porto Alegre a essência do lugar ainda nos dias de hoje. Dessa maneira, os administradores da cidade ao longo dos anos tentaram através de obras públicas, principalmente viárias, dominar o meio natural, formado por morros e por abundante rede hídrica, com os arroios e o homem por meio de políticas públicas de relocação, dos lugares insalubres para novos espaços ainda não inseridos na lógica do urbano. Como exemplo, tínhamos a Ilhota do Menino Deus, área alagadiça que sofria com as constantes cheias do arroio e território de uma população com escassos recursos materiais.

Além disso, Soster destaca as transformações sofridas pelo bairro entre 1940/45 e 1970/75 em seus aspectos físicos e conseqüentemente urbanos. A canalização dos arroios Dilúvio e Cascata trouxe profundas alterações para a cidade

e para o bairro.

As mudanças de curso, as canalizações, a eliminação de antigas pontes e a construção de novas, a abertura de avenidas, a retirada de sedimentos de um lado, a formação de aterro de outro e os saneamentos contribuíram não só para a mudança de fisionomia da cidade, como também para as modificações da sua população. (p. 71)

A canalização dos arroios Dilúvio e Cascata atingiu toda a parte plana do Bairro em seu sentido longitudinal, eliminando primeiro a Ilhota e os cursos dos arroios próximos à Praça Garibaldi, bem como a ponte de ferro no início da Avenida Getúlio Vargas, junto à mesma praça; concluindo posteriormente a eliminação do curso do Cascata e as pontes que o transpunham nas ruas transversais entre Getúlio Vargas e Azenha em época bastante recente. A regularização do arroio Dilúvio, com a conseqüente construção da Avenida Ipiranga sobre os diques de proteção contra enchentes, por outro lado, veio trazer pontes novas, seja na Avenida Getúlio Vargas, seja na Praia de Belas ou no prolongamento da Avenida Borges de Medeiros. (MULLER, 2001 cit. p. 43-46, p. 71)

O Menino Deus no contexto da metropolização de Porto Alegre

Apesar da fundação de Porto Alegre ter uma data mais antiga, foi só em 1872 com a desapropriação da fazenda de Inácio Francisco de Melo que foi criada a freguesia de São Francisco do Porto dos Casais e sendo realizada a distribuição de lotes de terra para os demais casais açorianos além dos que já estavam estabelecidos nas cercanias. Já em 1873, o governador da Província sulista José Marcelino transfere a sede do seu governo para a nova freguesia e ocorre a mudança do nome da cidade: de São Francisco do Porto dos Casais para Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre (FRANCO, 1983).

Até o final do período Imperial, Porto Alegre possuía poucos habitantes, poucas construções privadas e escassos melhoramentos públicos. Seu crescimento industrial foi tardio, tendo conservado, por muitas décadas, seu aspecto burgo comercial e portuário de baixo cacife, sem muitas possibilidades de ostentação. A cidade misturava em suas ruas, até o início do século XX, moradias de pobres e ricos. Inclusive, as chácaras mais distantes do núcleo urbano construídas pelas famílias mais abastadas exerceram o papel de postos pioneiros do povoamento dos bairros, inclusive os que depois ficaram na pobreza e no atraso (FRANCO, 1983).

No ano de 1874 é finalizada a primeira ferrovia para São Leopoldo, colocada iluminação a gás e feita a instalação dos bondes para os arrabaldes do Menino

Deus, Azenha e Navegantes. Assim, a cidade acelerou seu processo de expansão horizontal, com o nascimento e consolidação dos primeiros bairros.

Para organizar melhor nosso estudo, utilizamo-nos da periodização elaborada pelas urbanistas Dóris Müller e Célia Ferraz, dividindo a História da cidade em seis fases. Começaremos pela terceira (1820-1890), necessário para uma melhor compreensão do período posterior, que é o recorte temporal escolhido para nossa pesquisa, marcado por uma série de problemas que abarca desde a estagnação econômica, decorrente da produção do trigo, à Guerra dos Farrapos. Entretanto, vai caracterizar-se também por um efetivo desenvolvimento portuário. Por outro lado, é uma fase marcada desde seu início (1824) pela imigração europeia, com uma interrupção apenas entre 1834 e 1850, período que coincidiu com os maus momentos que a região atravessava. Entretanto, a retomada da imigração veio auxiliar de forma decisiva no desenvolvimento local e regional da segunda metade do século.

Já o quarto (1890 a 1945), marcado com o desenvolvimento econômico da fase anterior, firmando um mercado consumidor, a cidade inicia sua fase de substituição de produtos importados e entra na fase industrial. É o período da República, da valorização da cidade, do incremento da burguesia urbana e da readequação da cidade aos novos tempos. Acreditamos haver aí, uma tentativa das novas classes emergentes urbanas de deixar suas marcas, rompendo com o passado “atrasado” do Império, para isso, dando à capital um caráter “moderno”, levando em conta uma interpretação histórica do urbano de cunho marxista.

Por último, o período que priorizamos nesta pesquisa, que abrange meados da década de 1940 até final do século XX, também chamado de fase de metropolização, no qual o desenvolvimento industrial traz à cidade e sua região consequências de diversas ordens. Um crescimento populacional muito grande, provocado pelo êxodo rural e pelo deslocamento das indústrias para a periferia de Porto Alegre, além do surgimento e fortalecimento de núcleos na região, fez com que o polo hegemônico do Estado não se limitasse mais exclusivamente à Capital, mas a toda esta região definida por lei federal como região metropolitana. (MÜLLER; FERRAZ, 1997).

Na década de 1940, Porto Alegre era uma cidade em pleno crescimento populacional e econômico, que contava com cerca de 350 mil habitantes e o

município com 385 mil. O governo municipal apresentava índices de crescimento econômico e social positivos em relação à indústria, à construção civil, à educação, à saúde pública, à eletrificação, ao saneamento, ao movimento portuário, aos transportes urbanos e às obras de urbanização (avenidas, ruas, calçamento) (MONTEIRO, 2006).

Neste contexto, o Estado do Rio Grande do Sul vinha sendo favorecido pela guerra, que ocasionou um crescimento da indústria nacional e da agricultura. Em termos de transporte, Porto Alegre passa a se ligar com o centro do país através das rodovias, voos, ferrovias (para o interior) e por rotas marítimas (Porto de Rio Grande) para o resto do país e para o exterior.

Diante deste novo cenário, da prosperidade, da ordem e da limpeza, a abertura da Avenida Borges de Medeiros, artéria de ligação norte-sul no centro histórico da cidade, ficou registrada como a obra de maior impacto e importância para a população porto-alegrense. Mais do que isso, marcou o início de um caminho que orientou os especialistas da época a uma nova concepção de cidade (DAMÁSIO, 1997, p. 147).

Há também a construção da imagem “cidade progresso”, elaborada através das renovações urbanas que têm na abertura da Borges seu momento mais expressivo, e a contrapõe à atual imagem “cidade crise” da virada para o século XXI.

Como sabemos, o processo de industrialização acarretou um grande êxodo rural, fazendo com que as cidades passassem a contar com um grande contingente populacional, sem estarem prontas, digamos assim, a comportar este excesso populacional. Por conseguinte, são observados problemas de todos os tipos, principalmente de ordem higiênico-sanitária, já que não havia infraestrutura para tal. Além destes problemas e com a falta de luz e ventilação, havia mais um, a falta de condições do sistema viário de servir aos bondes elétricos e veículos automotores. Assim, tanto Porto Alegre como outras cidades de condição “colonial”, passaram a ser inadequadas ao novo status urbano que se implantava (DAMÁSIO, 1997).

O novo período passa a ser chamado de período higienista, no qual, velhas cidades começam a sofrer grandes alterações em seus traçados e características urbanas. Áreas escuras, becos insalubres e cortiços são demolidos. São abertas largas avenidas com iluminação e calçadas apropriadas para a circulação de pedestres. A *barbárie* dá lugar à *civilização*. A cidade colonial dá lugar à cidade moderna, à cidade da república, lugar das novas classes em ascensão.

Ao trabalharmos com Porto Alegre, uma cidade que começa a se desenvolver rapidamente em pleno século XX, utilizamo-nos do conceito de modernidade, que, segundo o Arquiteto Helton Estivalet (2002), surgiu a partir da manipulação cada vez maior do imaginário coletivo. Isto teria se efetivado, entre outros aspectos, pela emancipação da arte das diversas formas de expressão, como a arquitetura, a literatura, a fotografia, que passaram a ser concebidas de acordo com uma perspectiva mercadológica. Assim, foi estabelecida uma ideia de “moderno” fundamentada na produção e no consumo de imagens pela sociedade. Já o progresso foi um mito, que, segundo Estivalet, esteve diretamente associado à modernidade, tanto é verdade que tais termos poderiam ser caracterizados como complementares. Para o referido estudioso, “Contudo, a crença no progresso, desde o século XIX, relacionava-se com o discurso de uma burguesia triunfante, cujo grande sonho foi ‘a conquista antecipada do futuro e a meta da sociedade do bem-estar’” (ESTIVALET, 2002). A modernidade, o progresso e o passado e a natureza foram imagens motivadoras do discurso de afirmação daquela burguesia com a legitimação dos demais setores sociais. Sendo assim, produziram-se os sonhos sobre o destino coletivo, consubstanciados na cidade como centro do poder e das transformações. Passava, então, a haver uma nova maneira de viver na cidade, um ideal de urbanidade que se opôs à imagem da cidade ali existente. Assim, ocorre uma tentativa de substituição do tradicional pelo moderno.

Embora em 1914 o município de Porto Alegre já tivesse aprovado seu plano diretor, em 1943, durante a gestão de Loureiro da Silva, foi desenvolvido outro ‘plano diretor’ para a cidade. Como responsável pelo projeto ficou o arquiteto Arnaldo Gladosh, contratado pelo Município junto ao escritório de Agache no Rio de Janeiro, prestigiado pela influência deste urbanista francês no contexto nacional da época. Assim, o projeto leva o nome de Plano Gladosh.

O Plano apresentou três propostas de intervenção na estrutura da cidade, organizando o sistema viário em perimetrais e radiais. Além das vias, apresentou outros projetos, como a proposta para o Centro Administrativo Estadual na Praça da Matriz, o traçado da Avenida Ipiranga, a abertura das Avenidas Farrapos e Salgado Filho, além do prolongamento da Avenida Borges de Medeiros. Entretanto, devido a problemas administrativos, o Plano não foi implantado por inteiro, reduzindo-se a uma lei de recuos e alinhamentos. Ainda assim, as ideias contidas no plano

expressavam a adoção de um modelo específico de intervenção urbanística em áreas mais consolidadas da cidade. Enquanto o centro urbano era reestruturado e verticalizado, a cidade era expandida para as periferias de forma horizontal. Nesse contexto, nos anos 1930-1940, vários bairros ou loteamentos representaram uma tradução da imagem da cidade-jardim para o contexto local. Embora hoje em dia esses espaços estejam totalmente integrados à malha urbana do conjunto da cidade, ainda temos exemplos que permaneceram, como é o caso da Vila do IAPI (Instituto de Aposentadoria e Previdência dos Industriários), hoje patrimônio cultural da cidade e, em alguns aspectos, os loteamentos feitos pelo IAPB (Instituto de Aposentadoria e Previdência dos Bancários) próximos à igreja do Menino Deus.

A preocupação com a moradia das camadas médias da população brasileira, que em grande número deixava o interior para morar nas capitais, estava inserido num contexto nacional, pois esses institutos de previdência acabaram por financiar a construção de milhares de residências nas principais capitais do país, principalmente na década de 1940. Neste sentido, entre 1937 e 1964, foram erguidas por esses institutos um total de 76.236 moradias em território nacional, levando os programas habitacionais a transformar os institutos no maior grupo construtor de moradias populares e médias do Brasil vinculadas ao Estado. No final da década de 40, os institutos já haviam erguido um total de 31.587 unidades habitacionais, espalhadas em conjuntos residenciais presentes em dezenove das maiores cidades industriais brasileiras, sendo em Porto Alegre um total de 2.496 unidades. Contudo, apesar de esses números parecerem estrondosos, eles acabaram se mostrando irrisórios e ficaram defasados em relação à demanda por novas moradias.

Já o Plano Paiva de 1959 foi o primeiro plano diretor implantado em Porto Alegre através de legislação específica (Lei 2046/59), estando diretamente vinculado ao Código de Obras (Lei 2047/59). Assim, procurou-se estabelecer-se um instrumento legal na forma de padrões genéricos que procuram definir uma estrutura urbana racional para a cidade. Segundo Estivalet (2002), estes padrões consistiam na racionalização das atividades e vias, e na instituição de índices urbanísticos (potencial construtivo e ocupação de lote, recuos e altura das construções), que foram sendo aplicados de acordo com o crescimento das áreas urbanizadas, então denominadas de 'extensões urbanas'. Devemos salientar que, antes deste Plano, era possível o erguimento de construção a qualquer altura em certos locais da

cidade, assim, este momento, correspondeu à vigência dos maiores índices construtivos durante toda a estruturação urbana de Porto Alegre.

O templo, o bairro e as memórias

Em janeiro de 1850, segundo cronistas da época, é colocada a pedra fundamental de uma capela no arrabalde do Menino Deus. Três anos depois, o bispo Dom Feliciano Prates, impressionado com o progresso local, manda apressarem a construção do templo. Assim, começa a relação entre o bairro Menino Deus e seu templo católico, embora só pela década de 1880 que o arrabalde tenha sido batizado com esse nome.

Ao lado da capela, é construída uma casinha que fica famosa por abrigar o presépio, tornando-se a grande atração nas noites de véspera de natal. Ali era encenado os momentos iniciais da vida de Jesus Cristo, onde as crianças faziam os papéis de José, Maria, dos três “reis magos” e um nenê da comunidade representava Jesus Cristo.

O nome Menino Deus é trazido para Porto Alegre juntamente com os casais de açorianos por causa de uma bênção alcançada por uma rainha portuguesa quando da doença de seu pequeno filho, herdeiro direto ao trono português. Esse fato é levado até o arquipélago de Açores na época. A partir daí, começa o culto a Jesus Cristo na fase infantil de sua vida, ou seja, ao Deus menino.

Primeiro templo do Menino Deus a se ter imagens

Imagem 1.



Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo, Porto Alegre, RS. Disponível em: <<http://ronaldofotografia.blogspot.com.br/2011/02/o-cinema-marrocos.html> > Acesso em set. 2017

Acreditamos que a imagem acima seja do primeiro templo, embora não tenhamos fontes que afirmem isso, apenas a época em que foi feita a fotografia, que é do final do século XIX.

Já no século XX, por volta de 1930, essa construção é posta abaixo, dando lugar a um novo templo, ainda mais imponente, com um estilo remetendo ao gótico, com sua enorme torre e uma escadaria à frente.

O templo em estilo gótico

Imagem 2.



Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo, Porto Alegre, RS.

Contudo, essa construção foi demolida em 1969 por questões estruturais, o que é controverso, pois outras igrejas em Porto Alegre apresentavam e apresentam condições tão precárias e continuam em pleno funcionamento, como é o caso da igreja das Dores no centro histórico da cidade. Outro ponto da polêmica, é que o templo esteve envolvido com a especulação imobiliária, pois o acordo entre a paróquia e uma construtora da época era o de ser cedido parte do terreno da igreja para aquela, em troca, seria erguido outro templo menor e, nos fundos, um prédio residencial, onde um dos imóveis seria dado a uma congregação religiosa de primeira ordem, o que de fato aconteceu.

Esse novo templo, construído no chamado estilo futurista, possui um pé direito muito baixo. Há o espaço para a realização das missas, com seu altar e

batistério e um grande vitral circular montado com peças coloridas de vidro e, também, um outro espaço anexo, onde são feitas cerimônias e outras atividades menores. Representando uma torre, na frente do templo, há uma coluna de tijolos à vista, com uma cruz de metal no topo, entretanto, um simples observador teria dificuldade em compreender o significado dessa coluna.

Atual igreja do Menino Deus.

Imagem 3.



Fonte: Imagem da internet. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Menino_Deus_\(Porto_Alegre\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Menino_Deus_(Porto_Alegre)). Acesso em 02/10/2017.

A questão é que acreditávamos que os moradores do bairro se identificavam com o templo, quem sabe até poderíamos falar em orgulho em ter uma construção como aquela como marco na região, que não tinha como não chamar a atenção de quem por ali passasse.

Com o objetivo de saber quais o(s) significado(s) que o antigo templo possuía e possui para os moradores do bairro e as circunstâncias em que foi feita a demolição do de estilo gótico para a construção do atual, bem como eram e são as memórias das pessoas em relação à igreja, fizemos algumas entrevistas com pessoas que viveram por muitos anos na região para buscar mais informações e saber de suas memórias em relação à Igreja e a questões de sociabilidades.

Um dos depoentes é Antônio Carlos, mais conhecido como Zico, nascido em 1953, que morou praticamente toda a vida no Menino Deus, embora agora more no morro Santa Tereza, região contígua ao bairro. Além disso, era frequentador da

igreja, tendo feito, inclusive, a primeira comunhão lá. Ele elogia a igreja anterior:

Muito bonita aquela igreja. Aliás foi uma das coisas que mais, pelo menos nós que nos criamos ali no Menino Deus, sentimos foi quando eles derrubaram a igreja, né? A igreja é um patrimônio, né? E quando eles derrubaram a igreja muitas pessoas se afastaram inclusive da igreja. Pra construir aquele edifício ali, ficaram muitos sentidos com tudo aquilo ali. Porque a igreja era um ponto de encontro. Na missa, né? No fim da missa a gente saía com um grupo de amigos e amigas e vinha pro Menino Deus pra conversar, pra... uns namoraram, muitos até casaram, ali era... Me lembro que o Augusto Dalvite foi pároco, né? Que se chama. Foi pároco da igreja. Muitos casaram ali na igreja Menino Deus. (Anexo A)

Imagem de autor e data desconhecidos do Templo em estilo gótico do Menino Deus.

Imagem 4.



Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo, Porto Alegre, RS. (Gravura de data e autor não identificados).

Dessa passagem, podemos compreender que Zico tinha um carinho muito grande pelo antigo templo e que esse servia de ponto de encontro, principalmente nos dias de missa. Segundo ele, o então pároco, Augusto Dalvite, costumava passear pela avenida Getúlio Vargas, ocasião em que as pessoas tinham o hábito de lhe pedirem os chamados santinhos.

Já César Miranda, nascido em Porto Alegre na década de 1950, que mora desde criança no bairro Menino Deus na rua Barbedo, nos diz que as igrejas de modo geral eram os maiores atrativos e lugares de concentração de pessoas. Segundo Miranda:

Realmente, não só como Porto Alegre ou o bairro Menino Deus, mas também em outros bairros e cidades, as igrejas eram os maiores atrativos e maiores lugares de concentração. Eu costumo dizer que naquela época havia mais praticantes do catolicismo, que iam à igreja. Eu, em algumas

situações, vou à igreja e, infelizmente, tu vês meia dúzia de pessoas. Hoje em dia as pessoas não se prendem muito À igreja. Antigamente parece que existia mais atrativos. A própria religiosidade das pessoas também convergia tudo para o entorno da igreja. (Anexo B)

Entretanto, não só a igreja em si era aproveitada pelas pessoas, mas todo o seu entorno. César também chama atenção para um fato em especial, que foi a demolição da igreja anterior.

Então se aproveitava também não só a própria praça na frente, mas a própria igreja para nossos atos católicos e as próprias festas da igreja. E, aqui, aconteceu um fato muito interessante, quando se demoliu a igreja que existia, na época de 60, que colocaram abaixo uma das igrejas mais bonitas de Porto Alegre e isso fez com que a igreja perdesse força e domínio sobre os católicos. Com certeza foi uma judiaria, não pelo fato de ser igreja, porque temos muitas igrejas em Porto Alegre, mas porque era muito bonita e atraía muitos visitantes para o bairro. Então, existia uma participação maior de fiéis. Ainda hoje nós vemos que a igreja não é só o padre que está lá. Não, ele tem uma casa paroquial aonde várias pessoas vão espontaneamente, ajudam em alguns eventos, com chá e alguma coisa, mas aquelas festas, que vinham gente de todos os lugares, não acontecem mais (Anexo B).

Zico diz que achava a vida de antigamente no bairro muito saudável, até por questões de segurança, ao contrário de hoje em dia. Afirma inclusive que conheciam os policiais militares que patrulhavam as ruas do bairro, que na época eram conhecidos como a dupla *Pedro e Paulo*.

Sobre as transformações das ruas nos fala da abertura da avenida Múcio Teixeira, via paralela à avenida Getúlio Vargas, que até início da década de 1970 não existia, sendo que havia as chamadas ruas mortas com algumas residências, que depois foram desapropriadas para a abertura da via. Atualmente, essa via segue da José de Alencar, cruza a avenida Ipiranga e termina onde começa a rua João Alfredo, já na Cidade Baixa.

Na sua infância brincavam de apostar corrida, jogar bolita, brincar de cela, Maria Cabica e jogavam futebol nos campinhos do bairro. Outra atividade importante no bairro eram as corridas de bicicletas, que contavam com patrocinadores e eram divulgadas até nos jornais da cidade, contudo, por causa dos trilhos dos bondes, essa atividade diminuiu, pois havia o perigo dos atropelamentos e outros acidentes. Apesar do serviço de bondes já estar extinto em Porto Alegre, em alguns pontos da cidade é possível observar pedaços de seus trilhos.

Neste período, o rio Guaíba ainda não havia sido aterrado,

consequentemente não havia a avenida Diário de Notícias nem a Praia de Belas. O parque Marinha do Brasil, obviamente, também não existia, ou seja, não havia grandes áreas para o lazer e a prática de esportes.

Segundo o depoente César, na sua infância não havia calçadas propriamente dito, pois as ruas eram de chão batido. Aproveitavam para jogar taco, bolita e usar os seus carrinhos construídos de lata. Muitos jogavam futebol, pois os terrenos baldios eram abundantes e, quem tinha a sorte de ter uma bicicleta, também praticava o ciclismo.

Um dos fatos marcantes do bairro que narra é do incidente na hidráulica que fica na borda do morro Santa Tereza, que levou suas águas a inundarem o bairro em março de 1971 e a arrastar pessoas e automóveis.

Quando estourou a hidráulica, a gente foi lá ver até. Quando aconteceu, eu me lembro que nós estávamos... nós estávamos fora de Porto Alegre e quando a gente chegou no bairro ali, a gente viu muita água ali... porque a água foi até a José de Alencar. Então nos chamou a atenção porque... “ah, um monte de água aqui”, né? E aí quando a gente foi chegando perto ali da Oscar Bittencourt, aí conversando com as pessoas, “não não, isso deu um problema na hidráulica, deu problema na hidráulica” aí nós fomos até ali a Barão, né? A Barão do Guaíba com a Oscar Bittencourt. E aquela casa da esquina, derrubou um muro (Anexo B)

Outro ponto de encontro dos moradores do bairro era o cinema Marrocos, situado no final da avenida Getúlio Vargas, bem próximo a José de Alencar, cuja inauguração ocorreu em 26 de março de 1953, contando, inclusive, com a presença do então prefeito Ildo Menegheti. A sala, construída em estilo modernista pela empresa Lubianca & Cia., tinha lugar para uma plateia de 1.300 espectadores, com um grande teto abobadado. Segundo o depoente Zico:

O Cine Marrocos tinha uma peculiaridade. Aquele filme, a Noviça Rebelde, deve ter ficado acho que dois, três anos em cartaz. Olha, eu vi várias vezes. Não vou te dizer quantas, mas vou te dizer... porque a gente não se afastava no Menino Deus. Final de semana, íamos no Marrocos (Anexo A)

Fachada do cinema Marrocos

Imagem 5.



Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo, Porto Alegre, RS (Destaque para o bonde elétrico à sua frente).

Interior da sala de exibição do cinema Marrocos

Imagem 6.



Fonte: Site Ronaldo Fotografia. A sala possuía teto abobadado com pequenas aberturas para entrada de luz imitando os cinemas a céu aberto dos Estados Unidos.

Contudo, em 1994, já em decadência, como a maior parte dos cinemas de rua, o cinema Marrocos é fechado, dando lugar, atualmente, a uma farmácia no térreo, no lugar da antiga bilheteria, um restaurante no segundo piso e, onde era a sala de exibição dos filmes, um grande estacionamento de veículos automotores.

Por incrível que pareça, no território do bairro Menino Deus, também foi organizada a primeira grande feira agropecuária do Rio Grande Sul em 1909, que hoje é conhecida internacionalmente como Expointer. Ela era montada onde atualmente está situado é o C.E.T.E. (Centro Estadual de Treinamento Esportivo).

Ocupava um espaço entre as avenidas Getúlio Vargas e a Érico Veríssimo. Seu gigantesco pavilhão foi importado da Inglaterra e inaugurada na edição de 1912 da feira.

Desfile de inauguração da feira agropecuário do Menino Deus em 1909.

Imagem 7.



Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo, Porto Alegre, RS.

Pavilhão principal da feira inaugurado em 1912.

Imagem 8.



Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo, Porto Alegre, RS.

Embora nossos dois depoentes tenham ainda muitas memórias sobre o bairro, temos que tomar alguns cuidados, pois, por vezes, seus relatos parecem um pouco romanceados, ou melhor, como se, no passado, no Menino Deus só acontecesse coisas boas e que todos os vizinhos e frequentadores se dessem muito bem, sem desavenças ou atritos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, procuramos mostrar o desenvolvimento urbano da região do Menino Deus, desde quando ainda era um arrabalde pouco povoado, com suas chácaras de lazer, até se transformar, em meados do século XX, numa zona enormemente procurada pela especulação imobiliária, com a predominância de imóveis de classe média. Isso, para entendermos como as transformações urbanas da cidade alteraram ou influenciaram nas sociabilidades dos moradores e frequentadores do bairro Menino Deus.

Embora não tenhamos ficados presos a meados do século XX, este foi o recorte temporal escolhido, pois, a partir dali, a cidade de Porto Alegre, como um todo, passa por um grande desenvolvimento urbano, com inúmeras pessoas chegando do interior do Estado. Essa fase é chamada por urbanistas de “metropolização”, como vimos anteriormente no trabalho.

Procuramos compreender, também, a relação do catolicismo com a vida cotidiana no bairro, uma vez que, entendemos, que era uma questão primordial, já que, desde a construção do primeiro templo, ainda no final do século XIX, este apresentou uma grande capacidade de atração de pessoas, até mesmo aquelas que viviam em regiões mais remotas da cidade. Essa relação foi apontada inclusive por cronistas, cujas obras foram apontadas nesta pesquisa.

Na pesquisa, foi possível averiguar, a grande admiração e orgulho das pessoas com o templo católico anterior do Menino Deus, pois sua arquitetura, em estilo gótico, chamava de longe a atenção de quem por ali passasse, sendo sua demolição (1969) para a construção de um templo mais moderno, motivo de tristeza para seus paroquianos, e, até mesmo, de ressentimento. Esse fato, fez, inclusive, que um bom número de pessoas se afastassem do templo e de seus eventos e celebrações. As pessoas expõem, inclusive, uma dose de saudosismo em relação aos anos em que o templo anterior estava em funcionamento. Havia uma identificação muito grande entre os moradores do bairro e a igreja do Menino Deus.

REFERÊNCIAS

ACHYLES, Porto Alegre. **História Popular de Porto Alegre**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1940.

- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 1920.
- FRANCO, Sérgio da Costa et al. **Sobre Porto Alegre.** Porto Alegre: UFRGS, 1993.
- FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre e seu comércio.** Porto Alegre: Associação Comercial de Porto Alegre, 1983.
- _____. **Gente e espaços de Porto Alegre.** Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- _____. **Porto Alegre: guia histórico.** Porto Alegre: UFRGS, 2006.
- _____. **A velha Porto Alegre.** Porto Alegre: EST/Canadá, 2008.
- HOWARD, Ebenezer. **Cidades-jardim de Amanhã.** São Paulo: Annablume, 1996.
- KRAWCZYK, Flávio (org.). **Da necessidade do Moderno: o futuro da Porto Alegre do século passado.** Porto Alegre: Unidade Editorial, 2002.
- MACEDO, Francisco Riopardense de. **Porto Alegre, origem e crescimento.** Porto Alegre: Sulina, 1968.
- _____. **Porto Alegre, história e vida da cidade.** Porto Alegre: UFRGS, 1973.
- _____. **Porto Alegre, aspectos culturais.** Porto Alegre: SMEC: 1982.
- MAESTRI, Mario. **Breve História do Rio Grande do Sul, da Pré-História aos dias atuais.** Passo Fundo: UPF, 2010.
- MILLANI, Eleonor; MILLANI, Francisco. **Menino Deus: o padroeiro, o templo.**
- MIRANDA, César Adriano silva de. **MENINO DEUS NOSSO BAIRRO** história e estórias. V. 1, Porto Alegre: Edições Caravelas, 2013.
- _____. **MENINO DEUS NOSSO BAIRRO** história e estórias, V. 2, Porto Alegre: Edições Caravelas, 2014.
- MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre: urbanização e modernidade, a construção social do espaço urbano.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. Coleção História, V. 4.
- _____. **Porto Alegre e suas escritas: história e memória da cidade.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

_____. Imagens sedutoras da modernidade urbana: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nas revistas ilustradas na década de 1950. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 159-176, jan-jun. 2007.

_____. Breve História de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da Cidade, 2012.

_____. Entre história urbana e história da cidade: questões e debates. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, v.5, n.1, p. 101-112, 2012.

MOREIRA, Paulo (org.). **Sobre a Rua e Outros Lugares. Reinventando Porto Alegre**. Porto Alegre: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, 1995.

MÜLLER, Dóris Maria; FERRAZ, Célia de Souza. **Porto Alegre e sua formação urbana**. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

NASCIMENTO, Maria Regina. **Sobre os trilhos do bonde, os caminhos de uma cidade brasileira**. Dissertação de mestrado. PUCRS 1996 148p

NEIS, Ruben. Centenário da Paróquia do Menino Deus. In: UNITAS, Boletim da Arquidiocese de Porto Alegre. Ano LXXII, n. 10-12, p. 230-237, dez-nov. 1983.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **O Espetáculo da Rua**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1992.

_____; FERRAZ, Célia de Souza (org.). **Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1997.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade**. Estudos Históricos, RJ, vol. 5, nº10, 1992, p. 200-212.

PRIORE, Mary del. **Histórias da Gente Brasileira, v. 1, Colônia**. São Paulo: Leya, 2016.

_____. **Histórias da Gente Brasileira, v. 2, Império**. São Paulo: Leya, 2016.

ROCHA, Jane de Mattos. **“Que arraial que nada, aquilo lá é um areal”**. O Areal da Baronesa: Imaginário e História (1879-1921). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000. 153 p.

SANHUDO, Ary da Veiga. **Porto Alegre, Crônicas de Minha Cidade**. V. 1 e 2.

SEBE, José Carlos, RIBEIRO, Suzana Salgado. **Guia Prático de História Oral**. Contexto 2001.

SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SOSTER, Ana Regina de Moraes. **Porto Alegre: a cidade se reconfigura com as transformações dos bairros**. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. 188 p.

SPALDING, Walter. **Pequena História de Porto Alegre**. Porto Alegre: Sulina, 1967.

Livro dos 85 anos do Grêmio Náutico Gaúcho, História contada pelos associados. Porto Alegre: Algo Mais Artes Gráficas e Editora, 2014.

TEIXEIRA, Paulo César. **Nega Lú, uma dama de barba mal feita**. Porto Alegre: Libretos, 2015.

Publicações online:

Porto Alegre tem tradição em planejamento. Disponível em:

<[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php? Secao=125](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?Secao=125)> Acesso em: 15 de fev. de 2015.

NUNES, Júlia Schiedeck. Avenida Ipiranga: processo evolutivo ao longo do século XX. PUCRS: Porto Alegre, 2009. Disponível em:

<<http://pucrs.br/delfos/?p=globo>> Acesso em: 01 de jun. de 2015

UEDA, Vanda. A construção, a destruição e a reconstrução do espaço urbano na cidade de Porto Alegre do início do século XX. GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, n. 19, p. 141-50, 2006. Disponível em:

<<http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geousp/Geousp19/ArtigoVanda.pdf>>

Acesso em: 03 de mar. de 2015

